

Eixo Temático

6- História das Instituições Escolares no Campo

Título

A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL RURAL DE ENSINO FUNDAMENTAL VALE DO RIO DOCE EM RIO VERDE-GO A PARTIR DO MOVIMENTO SEM TERRA: UM PROJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL

Autoras

Sebastiana Aparecida Moreira
Nívea Oliveira Couto de Jesus
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida

Instituição

Pontifícia Universidade de Goiás- PUC-GO

E-mail

tianinharv@yahoo.com.br

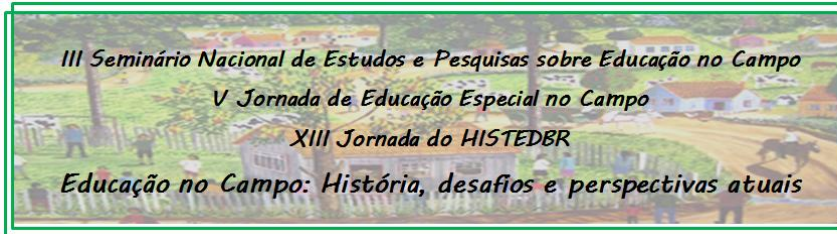
Palavras-chave

História Oral; Memória; MST e Rio Verde-GO.

Resumo

O presente artigo trata da apresentação do projeto de pesquisa do Doutorado em Educação, cuja temática central é a construção da história e memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce¹ no município de Rio Verde – GO, constituída no assentamento de trabalhadores rurais sem terra (MST), visando contribuir para ampliação dos estudos da História da Educação brasileira, regional e local, possibilitando a elaboração de documento científico sobre sua memória. A pesquisa está em fase de desenvolvimento com adoção metodológica da história oral, em uma abordagem qualitativa. Para tanto, o aporte teórico que iluminará as análises tem como fio condutor as contribuições da abordagem dialética da história oral e cultural. Neste sentido, busca-se também construir o conhecimento sobre a memória, a cultura e história da educação, desta escola rural, a partir de narrativas individuais e coletivas. Nesta direção, parte-se dos seguintes questionamentos: quais fatores políticos, econômicos, sociais e culturais permearam o processo de constituição da Escola Vale do Rio Doce? Como se deu o processo de desapropriação das terras, onde hoje situa a escola? Quais as vozes silenciadas no processo de constituição da escola? Quais os

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



impactos sociais, educacionais e simbólicos ocasionados pela implantação do assentamento na região? O que significou para direção, coordenação, alunos e assentados, participar da história deste estabelecimento escolar? Espera-se assim, contribuir para ampliação e aprofundamento dos estudos e pesquisas sobre a educação do campo em Goiás, justificada pela carência de pesquisas acadêmicas sobre a temática de escolas rurais constituídas em assentamentos, até o momento.

Texto Completo

Esta pesquisa propõe contribuir para ampliação e aprofundamento sobre a educação do campo em Goiás, particularmente sobre a constituição da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce em Rio Verde-GO, a partir do movimento dos trabalhadores rurais sem terra, ampliando estudos na área da História da Educação brasileira, regional e local, utilizando para abordagem da história oral.

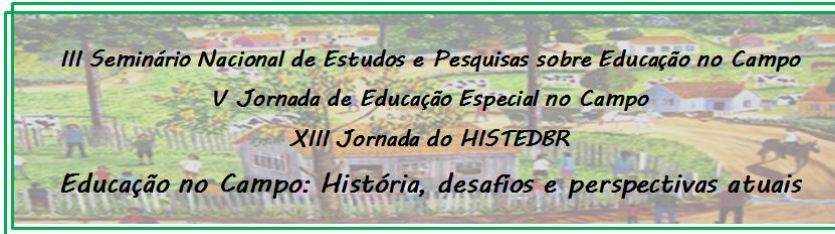
A idéia do papel da história oral como forma de pensar a sociedade contemporânea, vale-se de diálogos gravados e percepções da vida social, registrados de maneira a se constituir em fontes ou documentos que devam ser considerados desde sua origem é defendida por Meihy (2011).

Sob esta óptica, objetiva-se, compreender as contribuições dos diferentes processos sociais e educativos; inventariar os projetos e políticas de escolarização, gestão e organização da educação da infância e da população do campo, diligenciados na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce, a partir da década de 90, quando, segundo Caume (2006) a emergência dos assentados de reforma agrária passou a ser um instrumento de aplicação de políticas públicas pelo Estado brasileiro, iniciando o processo de redemocratização.

O aporte teórico que iluminará as análises tem como fio condutor as contribuições da abordagem dialética da história oral e cultural, em uma abordagem qualitativa. Decorre então investigar como o movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), estabeleceu-se na região sudoeste de Goiás, e como foi constituída a Escola Vale do Rio Doce, no assentamento. O recorte temporal compreenderá o período de 1990 a 2017.

Problematizando o Objeto de Estudo

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



A lembrança é a sobrevivência do passado. O conhecimento do passado é cativante. Segundo Bosi (1994), hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que organiza, ordena o tempo e o localiza cronologicamente.

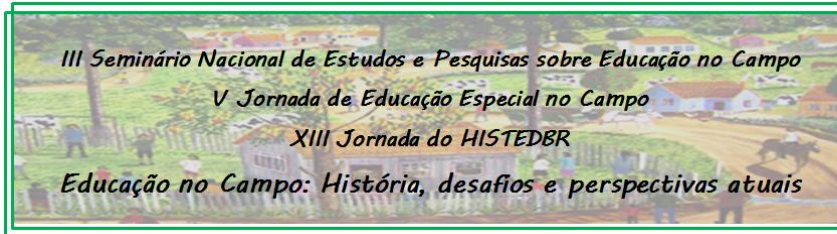
O tempo orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro, reforçando por sua vez a identidade dos indivíduos e comunidades (DELGADO, 2010). É este círculo interligado com o instinto de preservação, neste caso, da preservação e resgate da memória e constituição da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce no município de Rio Verde – GO, no assentamento do movimento de trabalhadores rurais sem terra (MST), que reside o fio condutor desta proposta de pesquisa, inscrevendo-se na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Cultura.

A presente proposta de pesquisa surgiu durante participação como aluna extraordinária, nas aulas de História de Educação, do curso de Doutorado em Educação da PUC-GO, em que, a disciplina contemplou a historicidade dos fenômenos educativos na sociedade brasileira e nas particularidades dos diferentes tempos e espaços da história da pedagogia e da educação, abordando os marcos teóricos e metodológicos da pesquisa e da historiografia da educação (ALMEIDA, 2009).

O objeto da presente pesquisa, não seria outro senão o já anunciado pelo próprio título deste artigo, qual seja: *A constituição da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce em Rio Verde-GO, a partir do Movimento Sem Terra: um projeto de pesquisa em história oral.*

Decorre então investigar como o movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), estabeleceu-se na região, e como foi constituída a Escola Vale do Rio Doce no assentamento. O recorte temporal compreenderá o período de 1990 a 2017.

O Assentamento Rio Verdinho é vinculado à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (FETAEG), foi oficializado no ano de 1999, contendo 27 famílias assentadas no modelo de agrovila, cada lote possui 2,5 hectares e à parte, uma área coletiva de 16 hectares para cada família assentada destinada à produção (REZENDE & RIBEIRO, 2015).



O assentamento dispõe de uma escola rural, objeto desta pesquisa, com capacidade de aproximadamente 400 (quatrocentos) alunos, atendendo desde a Educação Infantil ao 3º (terceiro) ano do Ensino Médio.

Questões Teóricas Orientadoras

Partindo da discussão apresentada por Gatti (2001), a respeito da evolução pesquisa educacional no Brasil, que alinhavou a solidificação a ampliação do ensino superior, e programas de pós graduação, levanta-se questões reflexivas sobre a pesquisa educacional.

Desde a década de 80, grande número de trabalhos dos mais diversificados, subsidiou os grupos de investigação, como por exemplo: alfabetização e linguagem, aprendizagem escolar, formação de professores, ensino e currículos, educação infantil, fundamental e média, educação de jovens e adultos, ensino superior, gestão escolar, avaliação educacional, história da educação, políticas educacionais, trabalho e educação.

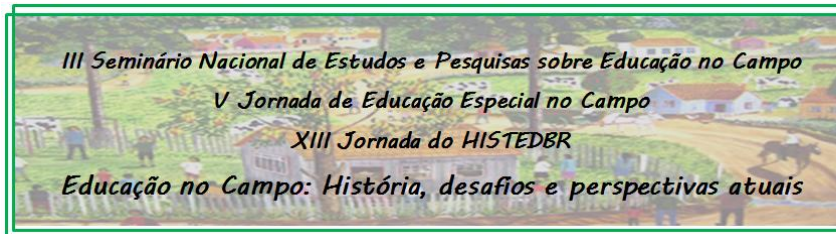
Gatti (2001, p.69) aponta que reunidos, compõem mais de 20 (vinte) grupos de trabalhos, que “se concentram em temas específicos dos estudos de questões educacionais, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação – (ANDEP)”, que representa a extensa pesquisa educacional nas instituições de ensino superior, seja privado ou público.

Contudo, com esse alargamento desnudou-se problemas de “fundo” nas próprias produções das pesquisas o que mereceu atenção quanto à teoria e o método. (GATTI, 2001, p.69).

Assim Gatti aponta,

As novas perspectivas com que se trabalhou na pesquisa educacional nas décadas de 80 até meados de 90, assentaram - se em críticas relativas a questões de teoria e método, que não estão resolvidas, mas deram novo impulso aos trabalhos e alimentaram alguns grupos de ponta na pesquisa. Assim, a qualidade da produção vai se revelar muito desigual quanto ao seu embasamento ou elaboração teórica e quanto à utilização de certos procedimentos de coleta de dados e de análise (2001, p.69).

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Existe preocupação em constituir categorias consistentes, capazes de abordar com eficiência a complexidade das questões educacionais. Neste sentido Gatti (2001, p.71), manifesta preocupação com o “modismo e ao sentido pragmático, e do imediatismo, acarretando o empobrecimento teórico, e o simplismo das pesquisas educacionais.

Pelo viés, apresentado por Luna, Franco (1998), relembra,

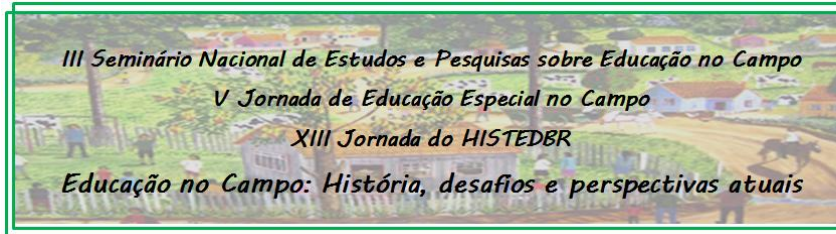
Que não há como separar aquele que conhece do objeto a ser conhecido, ou seja parte da perspectiva de que o homem não é um ser meramente especulativo que precisa controlar sua subjetividade e sair de si mesmo para gerar conhecimento científico. O pensamento humano mantém uma relação dialética na construção das teorias vinculadas à prática social de seus construtores e dos que as utilizam, não cabe, pois dicotomizar sujeito nem teoria e prática (apud GATTI, 2001, p. 73).

Os autores expressam os conflitos tanto nos enfoques dados a pesquisa, quanto nas posturas metodológicas e epistemológicas.

Gatti (2001, p. 75) arrazoa em favor da idéia de que os “estudos de natureza dita qualitativa” não podem significar uma banalização, quando trata dos procedimentos na investigação.

Ainda mais sugere:

É fundamental o conhecimento dos meandros filosóficos, teóricos, técnicos, e metodológicos da abordagem escolhida. Sob esse ponto, há também alguns problemas nos trabalhos de pesquisa na área educacional, tanto nos que usaram quantificação quanto nos que usaram metodologias alternativas. Nas abordagens quantitativas verificamos hipóteses mal colocadas, variáveis pouco operacionalizadas ou operacionalizadas de modo inadequado, quase nenhuma preocupação com a validade e a fidedignidade dos instrumentos de medida, variáveis tomadas como independentes sem o serem, modelos estáticos aplicados a medidas que não suportam suas exigências básicas, por exemplo, de comunidade, intervalo, proporcionalidade, forma da distribuição dos valores, entre outros. Constata-se ainda ausência de consciência dos limites impostos pelos dados, pelo modo de coleta, as possíveis interpretações. E, ainda, interpretações empobrecidas pelo não domínio dos fundamentos do método de análise empregado (GATTI, 2001, p.75).



Neste sentido, com a perspectiva da vigilância epistemológica proposta por Gaston Bachelard (1988), optou-se por instrumentos de pesquisa julgados adequados para fazer emergir a trama narrativa que orientará na construção do objeto científico. Será adotada a história oral, em uma abordagem qualitativa, propondo, contudo romper com as críticas a metodologia quantitativa, construindo um trabalho consciente e útil.

Este artigo seqüencia-se tratando da história oral, cujas histórias temáticasⁱⁱ e de vida, dão arrimo a pesquisas históricas sobre mobilidade social, vidas de professores, organização da escola, migrações, mulheres, jovens, entre outras. Decorre então investigar como o movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), estabeleceu-se na região sudoeste de Goiás, e como foi constituída a Escola Vale do Rio Doce no assentamento.

Metodologia do Projeto de Pesquisa

No Brasil, a história oral começou a ser estudada e utilizada a partir de 1975, na ocasião do I Curso Nacional de História Oral, organizado pelo Subgrupo de História Oral do Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDSCS), formado por representantes de quatro instituições, a saber, Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Fundação Getúlio Vargas e o Instituto de Bibliografia e Documentação, como explicita Alberti (2005, p. 160).

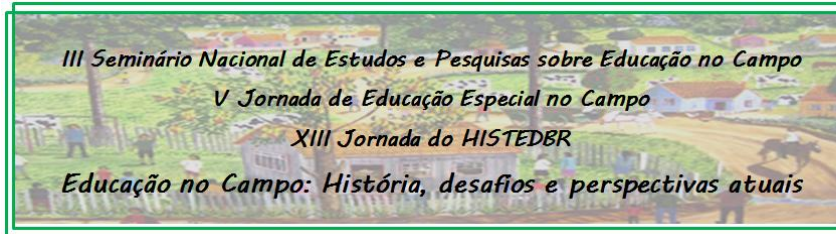
Já ao longo da década de 1980, núcleos de pesquisa e programas de história oral voltados para diferentes temas e objetos de estudo foram se formando em instituições de pesquisa. De lá para cá, a história oral consolidou-se e disseminou-se no país.

Do ponto de vista metodológico, apóia em obras de autores referenciais como Bosi (1994), Thompson (1992), Halbwachs (1990), Meihy (2002; 2011), Ferreira & Amado (2006), Delgado (2010), Alberti (1990; 2005; 2013), entre outros, que versam sobre os usos da história oral, memórias coletivas e individuais.

Delgado (2010, p.15), afiança;

Um grande desafio para a comunidade de historiadores, antropólogos, e sociólogos que se propõe a reconstituir testemunhos e histórias de vida, utilizando a metodologia da história oral, consiste na definição do que seja a própria história oral.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Frente a tal desafio, salienta:

Na verdade, nenhuma história, conquanto processo e construção da trajetória da humanidade ao longo dos tempos, é oral. A história da humanidade, em sua realização, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através de movimentos dialéticos e da ação de sujeitos históricos, individuais ou coletivos, transformam as condições de vida do ser humano ou se empenham em mantê-las como estão (DELGADO, 2010, p.15).

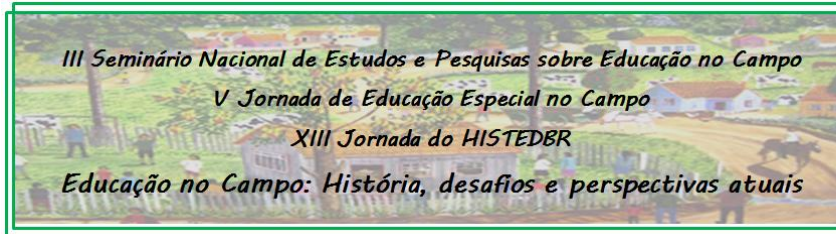
Nesta direção, Delgado (2010), conceitua história oral como um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões, a saber, espaciais, conflituosas e consensuais. De acordo com Meihy (2011), é um procedimento de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação. Consiste, portanto, “na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2013, p. 155).

Com as novas tecnologias, a história oral encontra suporte em diversos instrumentos, como, gravadores de som, câmaras fotográficas e de vídeo disponíveis em diversos equipamentos, como *smartphones* e *tablets* entre outros, além do uso do computador, para o registro dessas entrevistas. Para a realização das entrevistas, se faz necessárias providências preliminares como o convite e à cessão de direitosⁱⁱⁱ sobre o depoimento para uso dos dados na pesquisa (MEIHY, 2011).

A história oral, explica Alberti (2013, p. 37), “permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da História’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”,

Contudo alerta:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho à disposição de falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada pode resultar em um punhado de gravações, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que fazer com elas. Muitas vezes tal situação é criada por uma concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que história oral, em vez de meio de ampliação de conhecimento sobre



o passado, é digamos o próprio passado reencarnado em registros gravados, como se o simples fato de deixar registrados depoimentos de atores e ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa (ALBERTI, 2013, p. 37).

Alberti (2013, p. 37) sustenta que sendo um método de pesquisa, a história oral “não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe para a autora, uma articulação com um projeto de pesquisa previamente definido.

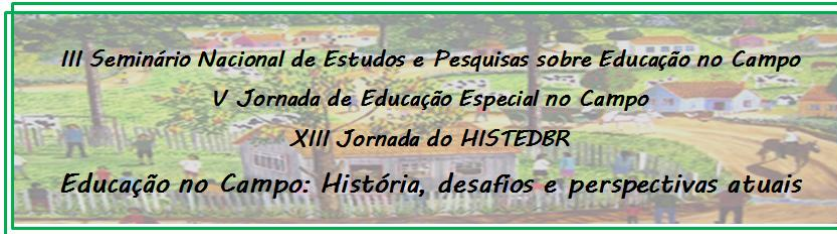
De acordo com orientações do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC), uma pesquisa em história oral sobre determinado tema deverá conter “um roteiro geral, uma quantidade de roteiros individuais correspondente ao número de entrevistados, e uma quantidade de roteiros parciais correspondente ao número de sessões com todos os entrevistados (ALBERTI, 1990, p.60). Os roteiros, por sua vez, devem

- Ser preparados somente após o aceite do entrevistado;
- Ser flexíveis e adequados à linguagem e ao vocabulário do entrevistado;
- Considerar dados biográficos em maior grau para as histórias e trajetórias de vida e em menor para as entrevistas temáticas;
- Cruzar informações do roteiro individual, referentes à biografia do entrevistado, com as do roteiro geral, referentes à história da comunidade, país, grupo étnico ou social que sendo pesquisado;
- Constituir-se como um mapa da memória, e não como camisa de força que possa impedir maior flexibilidade na condição das entrevistas e na construção da narrativa.

Os roteiros das entrevistas deverão conter a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes bibliográficas, em fontes primárias e nas informações recolhidas no primeiro contato com o futuro entrevistado. Neste sentido constituem instrumentos fundamentais das atividades subsequentes, além de sistematizar informações, articula com os problemas e questões que motiva a pesquisa (DELGADO 2010).

Os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos. Uma característica

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



fundamental da metodologia qualitativa é sua singularidade e a “não compatibilidade com generalizações”. (THOMPSON, 1992, p. 19).

Para Paul Thompson (1992), a singularidade é profunda lição da história oral e de cada história de vida. Considera também que a história oral, ao dedicar-se a recolher depoimentos pessoais, que se referem a processos históricos e sociais, apresenta inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas como recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões.

Portanto o projeto de pesquisa apresentado: *A constituição da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce em Rio Verde-GO, a partir do Movimento Sem Terra: um projeto de pesquisa em história oral* inscreve-se na história oral, que é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva.

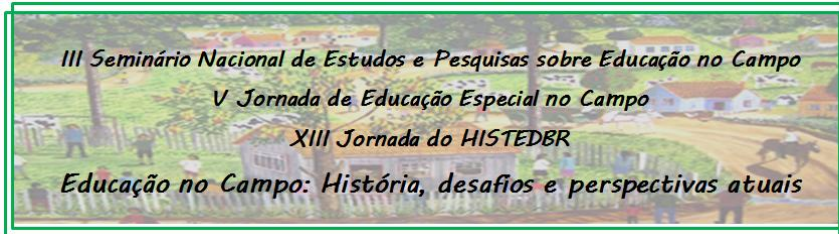
Assim, nas palavras de Delgado (2010, p. 18), não é a “História” em si mesma, mas um dos possíveis registros, interpretações e análises sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória, bem como o tratamento das questões ligadas à subjetividade no emprego da história oral, aos desafios que a categorização das respostas se impõe.

Algumas Considerações

Considerando que a escola Vale do Rio Doce foi constituída num cenário de assentamento, e que a partir da década de 80 foi visível uma série de transformações no panorama da educação rural e na luta pela reforma agrária, marcada fortemente por movimentos sociais como, do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) e mobilizações em torno do processo Constituinte de 1988, partiu-se as inquietações para verificar como o movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), estabeleceu-se na região sudoeste de Goiás, e como foi constituída a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce em Rio Verde, no assentamento.

Como demonstra o quadro 1, referente ao número de alunos atendidos do ano da criação 1991 ao ano 2014, pode-se constatar que a escola ofertou ensino rural aos

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



assentados no período exposto. Contudo, posteriormente verificar-se-á, se outras pessoas da região também foram beneficiadas com a instalação da escola naquele *locus*^{iv}, bem como se todas as crianças e jovens do assentamento tiveram acesso ao ensino ofertado.

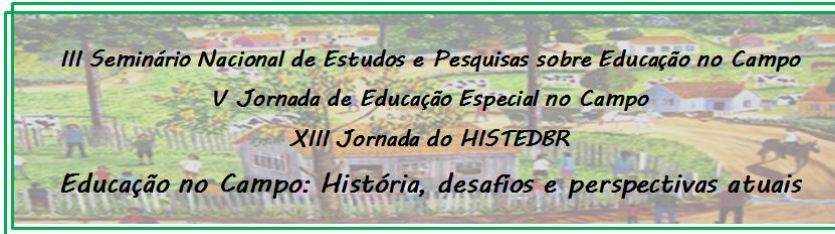
Quadro 1 - Número de alunos atendidos na Escola Vale do Rio Doce de 1991 a 2014.

Ano	Nº de alunos Ed. Infantil	Nº de alunos Ens. Fundamental	Total
1991	10	04	14
1992	05	08	13
1993	05	12	17
1994	03	07	10
1995	04	13	17
1996	03	07	10
1997	NF	NF	- ^v
1998	10	12	22
1999	12	26	38
2000	06	19	25
2001	DI	DI	-
2002	DI	DI	- ^{vi}
2003	-	147	147
2004	-	154	154
2005	-	178	178
2006	-	195	195
2008	-	221	221
2008	14	226	240
2009	18	247	265
2010	43	281	324
2011	34	270	304
2012	42	270	312
2013	45	251	296
2014	49	264	313

Fonte: Arquivo da Secretária Municipal de Educação, organizado pela autora (junho/2015).

Além desse primeiro levantamento prévio do número de alunos atendidos, foi solicitada a Secretária Municipal de Educação, o aval para realização da pesquisa, bem como se comunicou com a diretora da escola.

Houve um primeiro contato com a filha do antigo dono das terras, onde hoje está localizada a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce. Nesses



contatos, foram explicados os objetivos da pesquisa. Obteve-se a aprovação, disponibilização e colaboração das contatadas.

Realizou-se visita ao Departamento de Arquivos da Secretaria Municipal de Educação para levantamento de dados relacionados à escola, como por exemplo, resoluções, portarias, bem como para coleta de dados referentes ao número de alunos atendidos na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce.

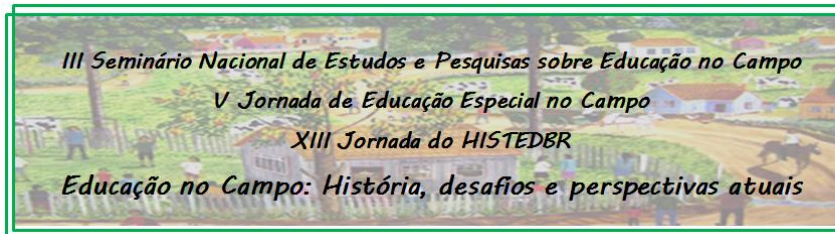
Por fim, e não menos importante, para operacionalização da pesquisa um dos procedimentos adotados, será a organização caderno de campo^{vii}, contendo a lista de controle do andamento do projeto.

Meihy (2002. p. 177), aconselha enfaticamente o uso de caderno de campo no acompanhamento das entrevistas e no registro da evolução do projeto. No caderno de campo colocam-se

- Observações tanto do andamento do projeto como das entrevistas específicas;
- Que o caderno funcione como um diário em que o roteiro prático seja arrolado, quando foram feitos os contatos,
- Quais os estágios para se chegar à pessoa entrevistada, como ocorreu a gravação e eventuais incidentes de percursos;
- As impressões, bem como as ilações feitas a partir dos vínculos com entrevistas anteriores e hipóteses levantadas para enlaçar as futuras;
- Registros, inclusive dos problemas de aceitação das idéias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teoria decorrente de debates sobre aspectos do assunto.

O caderno de campo deve ser íntimo, e o acesso a ele exclusivo de quem dirige as entrevistas, como será um subsídio para o dialogo em relação ao projeto inicial, se torna um referencial “obrigatório” (MEIHY, 2002, p. 177) nas finalizações dos trabalhos.

Segundo o entendimento de Alberti (2013) recomenda-se que o pesquisador se ocupe do caderno de campo logo após a entrevista, nele registrando suas idéias e impressões sobre o que ocorreu, avaliando e revendo o necessário para as próximas entrevistas.



Assim este artigo discorre brevemente, o desenho metodológico da pesquisa em desenvolvimento, tratando sobre a história oral, inserida numa abordagem qualitativa, buscando construir o conhecimento sobre a memória, a cultura e história da educação desta escola rural e seus desdobramentos para o município e sua representatividade no seu *locus*.^{viii} Neste sentido esta pesquisa encontra-se em processo de construção.

Referências

ALMEIDA, M. Z. C. M. Tese de Doutorado em Educação: **Educação e Memória: Velhos Mestres de Minas Gerais (1924 - 1944)**, Universidade de Brasília, UNB, Brasil. 2009.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

_____. **Fontes orais: histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005.

_____. **Manual de História Oral**. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2013.

BACHELARD, Gaston. **La formacion del espíritu científico**. México: Siglo Veintiuno, 1988.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAUME, David José. **O MST e os assentados de reforma agrária: a construção de espaços sociais modelares**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo; Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás. 2006.

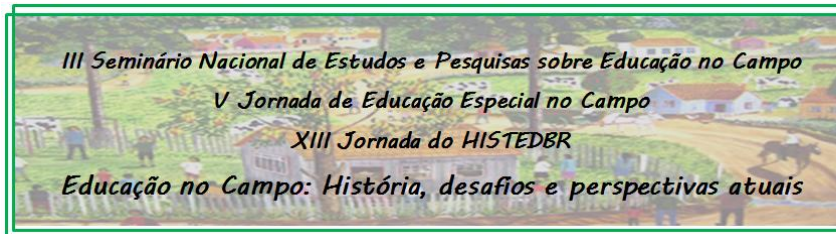
DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (coordenadoras). **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª. ed., Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006

FRANCO, M.L.P.B. **Porque o conflito entre tendência metodológica não é falso**. Cadernos de Pesquisa, n. 66, p. 75-80, ago.,1988.

GATTI, Bernardete. A. **Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo**. Cadernos de Pesquisa, n.113, p. 65-81, julho. 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.



LUNA, S. **O Falso conflito entre tendências metodológicas.** Cadernos de Pesquisa, n. 66.p. 70-4, ago.,1988.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4ª. ed., São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral: como fazer como pensar** 2ª. ed. ,1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

REZENDE Sheila Marli de Melo; RIBEIRO Dinalva Donizete. **Avanço da monocultura da soja como alternativa para acessar as políticas públicas: O caso do Assentamento Rio Verde.** In: Rede de Estudos Rurais. http://www.redesrurais.org.br/6encontro/trabalhos/Trabalho_249.pdf> Acesso em: 25 de junho de 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

ⁱ A Escola Vale do Rio Doce foi constituída dentro de um assentamento na década de 1990.

ⁱⁱ Referem-se a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. Constitui-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compõe um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado, ou a uma tese de doutoramento. No segundo caso, refere a entrevistas que fornecerão elementos, informações, versões e interpretações sobre temas específicos abordados pela tese. Por exemplo, movimentos culturais e sociais, movimentos camponeses, relações institucionais, histórias de imigrantes, entre outros (DELGADO, 2010, p. 22-23).

ⁱⁱⁱ A carta de cessão é um documento fundamental para definir a legalidade do uso da entrevista. Ela pode remeter tanto à gravação quanto ao texto final. É prudente vincular o controle de seu uso (no todo ou em parte).

^{iv} Assentamento Rio Verdinho, localizado no município de Rio Verde - GO.

^v NF: Não Funcionou. Segundo informações do Departamento de Arquivos, neste ano (1997), a escola não funcionou por falta de alunos.

^{vi} De acordo com o Departamento de Arquivos da Secretaria Municipal de Educação, nesses anos a documentação se encontra na unidade escolar e será levantada posteriormente.

^{vii} O caderno de campo deve ser elaborado pelos pesquisadores responsáveis pela entrevista. Nele será registrado todo tipo de observações a respeito do entrevistado e da relação que com ele se estabeleceu, desde o primeiro contato: os motivos que levaram a escolhê-lo como entrevistado em potencial; como o entrevistado reagiu à solicitação dos pesquisadores por ocasião do primeiro telefonema ou encontro. Descrições de como decorreram as sessões de entrevistas. Comentários sobre sua memória, informações obtidas quando o gravador estava desligado. A elaboração desse caderno de campo auxiliará na posterior reflexão sobre o documento no conjunto da pesquisa (ALBERTI, 2013, p.188).

^{viii} Idem nota v.